

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas



Ofício nº 029/2020/INI

Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 2020.

De: Direção do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas - INI
Dra. Valdiléa Gonçalves Veloso dos Santos

Para: Presidente da Fiocruz
Dra. Nísia Trindade Lima

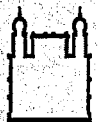
Assunto: Indicação de Título de Pesquisador Emérito da Fiocruz

Senhora Presidente,

É com satisfação que submetemos a proposta de concessão do título de Pesquisador Emérito da Fiocruz ao pesquisador Bodo Wanke, aprovada por unanimidade pelo Conselho Deliberativo do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas. Em anexo seguem memorial e currículo lattes do mesmo.

Dr Bodo Wanke iniciou suas atividades na Fiocruz em 1980, quando foi convidado pelo Diretor do Instituto Oswaldo Cruz a transferir-se para a FIOCRUZ para criar um Laboratório de Micologia naquele Instituto, deixando a UFRJ, onde era Assistente da Disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias. Em 1986, por ocasião do Hospital Evandro Chagas, à convite da Dr Keyla B. F. Marzochi, criou o laboratório de Micologia Médica onde, desde então, desenvolve sua brilhante carreira de pesquisador e professor. Dr Bodo Wanke é o Micologista de maior renome no Brasil, sendo reconhecido internacionalmente. Sua produção acadêmica registra mais de 150 publicações indexadas e 48 capítulos de livro. Até o presente concluiu a orientação de 27 alunos de mestrado e 15 de doutorado. Sob sua liderança o laboratório de Micologia tornou-se um Laboratório de Referência Nacional, que desempenha papel estratégico no Sistema Único de Saúde, realizando diagnóstico micológico de alta complexidade, capacitação de profissionais de saúde de todo o País. Uma das realizações mais destacadas do Dr Bodo Wanke foi o isolamento pela primeira vez do fungo *Coccidioides immitis/C. posadasii* no semiárido do Piauí.

INI – INSTITUTO NACIONAL DE INFECTOLOGIA EVANDRO CHAGAS
Av. Brasil, nº. 4365 – Manginhos – Cep.: 21.040-900 – Rio de Janeiro – RJ - Tel.: 21- 3865-9555



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas



Instituto Nacional de Infectologia

Evandro Chagas

Ao longo da sua carreira, Dr Bodo contribuiu significativamente para o desenvolvimento técnico científico do Hospital Evandro Chagas e para sua consolidação como Instituto Nacional de Infectologia. No período de 1989 a 1990 Dr Bodo Wanke compôs a Direção colegiada do então Hospital Evandro Chagas e foi seu Diretor entre 1994 e 1997.

Contamos com o apoio da Presidência na apresentação desse pleito ao CD Fiocruz.

Valdiléa Gonçalves Veloso dos Santos
Diretora do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas

INI/ FIOCRUZ
Mat. SIAPE 0375416

VALDILÉA GONÇALVES VELOSO DOS SANTOS

Diretora

Mat. Siape: 0375416

INI/Fiocruz

INI - INSTITUTO NACIONAL DE INFECTOLOGIA EVANDRO CHAGAS

Av. Brasil, n°. 4365 - Manguinhos - Cep.: 21.040-900 - Rio de Janeiro - RJ - Tel.: 21- 3865-9555

Filho de Martha Sophia Johanna Wanke e Siegmund Wanke, Bodo nasceu em 16 de março de 1941 como terceiro filho do Pastor Luterano que veio com sua esposa da Alemanha, na década de trinta, para prestar assistência religiosa e espiritual aos imigrantes alemães radicados no estado do Espírito Santo, no mundo conturbado pela primeira guerra mundial.

Desde o século 19 imigrantes alemães vieram para o Brasil a fim de colonizar as terras montanhosas e difíceis do interior do Espírito Santo, em busca de oportunidades melhores de vida, pois o império lhes havia prometido terras e a assistência necessária.

Assim Bodo nasceu em Itaguaçu, região extremamente quente no centro oeste do estado, nas mãos de uma parteira que era da comunidade luterana e que ainda falava bem o alemão. Em dezembro de 1941, aos 9 meses de vida, teve quadro clínico de abdômen agudo, diagnóstico suspeitado e reconhecido pelo pai no livro de emergências médicas que trouxera da Alemanha. Felizmente para todos, ele foi levado a um médico alemão radicado em Santa Tereza/ES, município não muito longe de onde morava, mas só chegou ao consultório/clínica tarde da noite, num lugar sem energia elétrica, privilégio da capital Vitória. O médico que atendeu Bodo logo reconheceu o diagnóstico de abdômen agudo suspeitado pelo pai, ou seja, uma hérnia inguinal estrangulada, emergência cirúrgica. Apesar das condições precárias e adversas, Bodo foi operado tarde de noite em ambiente precariamente iluminado, e sobreviveu destinado a um longo caminho de vida. Foi criado em ambiente de casa do interior, onde o vizinho mais próximo distava algumas centenas de metros, sob o carinho da mãe, no papel múltiplo de dona de casa e esposa de pastor. Bodo aprendeu de berço o alemão, que era a língua falada em casa e só veio a aprender o português aos 7 anos na idade escolar.

Sua vida acadêmica teve início aos sete anos lá, num antigo Grupo Escolar rural, a uns 8 Km de onde morava. Tinha que ir a pé com os seus dois irmãos mais velhos, por estrada de terra batida quase sempre empoeirada, mas enlameada quando chovia,



levando um embornal de pano para colocar seus pertences. Ainda durante os primeiros anos do Ensino Fundamental, a família mudou-se para Domingos Martins, uma pequena cidade na região montanhosa do estado, com clima muito mais ameno, a uns 50 Km da capital. Ali a vida melhorou para toda a família, pois havia melhor ensino fundamental, comércio e até médico e um pequeno hospital.

Bodo sempre foi aluno exemplar, tirava cem em tudo. A mãe não se conformava que ele não estudava, e quando o fazia, era de modo todo especial, colocando o seu caderno no chão e agachado, ficava pulando ao redor do mesmo... Era sua forma de aprender!

Como também em Domingos Martins não havia estudo para além do Grupo Escolar, com suas quatro séries iniciais, logo cedo Bodo teve que acompanhar os irmãos mais velhos para um internato – o Ginásio Koelle, em Rio Claro, interior de São Paulo, onde ficou por quatro anos até concluir o então curso ginásial, e de onde só vinha visitar a família nas férias de final de ano.

Depois disso, cursou o Ensino Médio, o Curso Científico, em Vitória, também morando em internato, mas com a possibilidade de ir para casa com certa regularidade.

Queria estudar medicina e isto significava ir para o Rio de Janeiro, o que o pai não tinha como arcar. Partiu, assim mesmo, sem garantias e sem dinheiro de reserva, para ir em busca de seu sonho com a roupa que tinha e uma imensa coragem para enfrentar o desconhecido. No Rio, com o auxílio de bons amigos que foi conquistando aos poucos, conseguiu emprego de escriturário num banco e em três meses começou a reorganizar-se financeiramente. Em paralelo à atividade de bancário passou a frequentar um cursinho pré-vestibular para enfrentar o vestibular. Inscreveu-se para o vestibular da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, a única que lhe interessava. Não só passou de primeira no vestibular, como também conseguiu um emprego noturno no banco, que lhe permitiu realizar, a duras penas e com imensas dificuldades, o sonho de se tornar médico.



De 1962 a 1967 cursou a Faculdade Nacional de Medicina (FNM) da Universidade do Brasil (UB), no antigo e belíssimo prédio da Praia Vermelha. No segundo semestre de 1967, alguns meses antes da formatura, decreto presidencial renomeou a faculdade de medicina da Praia Vermelha, que passou a denominar-se Faculdade de Medicina (FM) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ficou a saudosa lembrança do nosso belo diploma conquistado na FNM da UB, que já estava pronto há alguns meses. Todavia, para efeitos legais, teve que usar o diploma simples da FM/UFRJ.

Durante o curso de graduação, de 1964 a 1966 frequentou a Cadeira de Clínica Médica do Hospital Moncorvo Filho, sob direção do eminente Professor catedrático Gentil Luiz João Feijó, ou simplesmente Professor Luiz Feijó, como era mais conhecido. O ano de 1967, sexto ano do curso de graduação, foi inteiramente dedicado ao internato na Clínica de Doenças Infecciosas e Parasitárias (DIP), sob direção do eminente Professor catedrático José Rodrigues da Silva, localizada no então Pavilhão Carlos Chagas do Hospital São Francisco de Assis. Sob a supervisão e orientação do Professor José Rodrigues Coura aprendeu a gostar e a identificar-se inteiramente com as Doenças Infecciosas e Parasitárias, de tal modo que o Professor Coura o convidou para continuar como residente nesta clínica, assumindo em 1968 a função de orientar as atividades dos novos internos. Ainda no início de 1968 Bodo foi convidado a assumir a função de Instrutor de Ensino, categoria funcional pouco depois transformada em Auxiliar de Ensino, primeiro degrau da nova carreira de magistério do Ensino Superior implantada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Com o Professor Coura tomou contato com pesquisa clínica, participando em projeto em Esquistossomose mansoni, da qual resultaram, nos anos seguintes, três publicações em revistas indexadas. Estas foram as suas primeiras publicações em revistas indexadas e curiosamente as únicas não relacionadas à Micologia Médica. Todas as demais publicações foram na área da Micologia Médica.

Foi plantonista no Hospital de Isolamento Francisco de Castro de 1966 a 1969, especializado em doenças infecto contagiosas. Na época o Pavilhão Francisco de Castro fazia parte do complexo do Hospital Estadual São Sebastião. Foram mais de quatro anos de uma experiência muito rica e sem igual no aprendizado em Doenças



Infecciosas Agudas, como meningites, difteria, tétano, coqueluche, endocardite, febre maculosa, raiva, sarampo, erisipela, septicemia, entre outras.

Casou em 08 de dezembro de 1970 com a colega dermatologista Nurimar Conceição Fernandes, com quem teve o filho Peter Fernandes Wanke, graduado em Engenharia de Produção pela Escola de Engenharia da UFRJ, e atualmente é Professor Associado III do Instituto COPPEAD de Administração da UFRJ, onde coordena o Programa de Doutorado em Logística. De um segundo matrimônio, com Márcia dos Santos Lazéra, médica infectologista e colega de trabalho na Fiocruz, teve a filha Bruna dos Santos Lazéra Wanke, graduada em Engenharia Mecânica pela Escola de Engenharia da UFRJ e atualmente cursando o Master em Engenharia de Energia na Universidade de Stuttgart, Alemanha.

Em 1971 e 1972 fez curso de especialização em Doenças Infecciosas e Parasitárias na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). (Carga Horária: 2.927h)

Em 1974 fez curso de especialização em Medicina Tropical e Parasitologia Médica no Bernhard Nocht Institut für Schiffs und Tropenkrankheiten, Universidade de Hamburgo, Alemanha, sendo aprovado na prova final com nota máxima. (Carga Horária: 520h).

Ainda em 1974 fez estágio de especialização em Micologia Médica no Hygiene Institut da Universidade de Freiburg, Alemanha. (Carga Horária: 520h). Neste estágio de 01.07.1974 a 30.09.1974 sob a orientação do Professor Johannes Müller, coordenador do Laboratório de Micologia do Hygiene Institut, ao lado das atividades de bancada, teve oportunidade de: 1) Em 20.08.1974 visitar o Professor Dr. H. J. Scholer na firma Hoffmann-La Roche, de Basileia na Suíça, para conhecer e discutir aspectos atuais sobre quimioterapia e sorodiagnóstico das micoses, no laboratório da Roche coordenado pelo professor Scholer; 2) Em 23.09.1974 fazer uma palestra no Centro de Estudos do Hygiene Institut, em alemão, sobre o tema "Paracoccidioidomicose: Epidemiologia, Clínica e Quimioterapia", seguida de amplo debate pelos presentes; 3) Participar da 11ª. Reunião Científica (Congresso) da "Sociedade de Micologia de Língua



Alemã” de 26 a 28.09.1974, onde conheceu destacados micologistas da Alemanha, Áustria e Suíça, bem como cientistas de Israel, EUA e Egito.

Em 1976 defendeu dissertação pelo Curso de Mestrado em Medicina da UFRJ, na área de Doenças Infecciosas e Parasitárias, com o tema “Paracoccidioidomicose. Inquérito intradérmico com paracoccidioidina em zona urbana do município do Rio de Janeiro”, sob orientação do Professor Dr. José Rodrigues Coura, grande mestre e amigo. Com esse trabalho investigativo comprovou que a transmissão da paracoccidioidomicose ocorre mesmo em áreas urbanas do Brasil, atingindo apreciável contingente da população abaixo de 20 anos de idade em bairros periféricos da cidade do Rio de Janeiro.

Em 1980, já como Professor Assistente da Disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias (DIP) da UFRJ, a convite do Vice-Presidente de Pesquisa da Fiocruz e Diretor do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), Professor Dr. José Rodrigues Coura, deixou este vínculo com a UFRJ, e aceitou o desafio de criar um Laboratório de Micologia Médica no IOC, importante lacuna temática entre o largo espectro de Doenças Infecciosas e Parasitárias que tinham laboratório de pesquisa e nesta época não havia nem laboratório de micologia médica nem micologista da área médica no IOC/Fiocruz.

Em 1981 participou do V Curso Internacional de Micologia Médica na Universidade de Costa Rica, com Carga Horária de 180 horas. Este curso internacional, patrocinado pela Organização Pan Americana da Saúde (OPAS), foi uma experiência ímpar para reforçar e amadurecer a ideia do tipo de estrutura laboratorial adequada para um laboratório de micologia médica a ser implantado no IOC e na Fiocruz. Foi um mergulho em tempo integral e dedicação exclusiva durante quatro semanas inteiras de muita interatividade com muitos docentes mestres internacionais da área, oriundos do Centers for Diseases Control (CDC, Atlanta, USA) como também expoentes da área de Micologia Médica de países da América Latina como Costa Rica, México, Brasil, Colômbia e Argentina. Ali se consolidou para Bodo a configuração organizacional de um bom Laboratório de Micologia Médica, de caráter multidisciplinar e a necessidade de operar e integrar



colaborações com laboratórios de Micologia das demais instituições de ensino e pesquisa próximas e distantes.

Para alcançar o objetivo de criar um Laboratório de Pesquisa em Micologia Médica no IOC, Dr. Bodo precisava formar uma equipe, com colaboradores de nível técnico e de nível superior, pois sozinho não criaria o laboratório de seus sonhos. De saída já no início da década de 1980 buscou colaboradores entre os pós-graduandos dos programas de PG em Medicina Tropical do IOC e PG em Biologia Parasitária do IOC, assim como também técnicos de nível médio recrutados entre alunos do Curso Técnico em Biologia Parasitária, também curso do IOC/Fiocruz. Facilitou o contato com jovens e promissores talentos o fato de ser coordenador e docente da disciplina de Micologia Médica tanto para os pós-graduandos quanto os alunos do curso técnico. Desta forma, grandes talentos foram incorporados à equipe de Micologia Médica, como por exemplo o colega dermatologista Dr. Paulo Cezar Fialho Monteiro, que procurou o Dr. Bodo para dizer-lhe que “vim para aprender e fazer micologia com você”, que parecia uma forma no mínimo bizarra de procurar emprego. Mas o Dr. Paulo Cezar, como ficou mais conhecido, convenceu Bodo em entrevista de que valeria a pena apostar no seu talento, ficando pouco mais de quatro anos como bolsista estagiário e durante este período participou, em 1983, do famoso curso de Micologia Médica do Instituto Pasteur de Paris, que foi seguido de estágio de dois anos no Laboratório de Micologia Médica do Hospital Saint Louis em Paris, França, onde conheceu e trabalhou com renomados micologistas da área médica. Simultaneamente na mesma época conheceu e orientou a mestrandra Dra. Rosely Maria Zancopé Oliveira do programa de PG em Medicina Tropical do IOC, interessada em desenvolver sua dissertação em histoplasmore, defendida em 1985, intitulada “Histoplasmore. Estudo epidemiológico em área periurbana do município do Rio de Janeiro” da qual resultaram dois artigos publicados em revistas indexadas. Logo em seguida a Dra. Rosely passou mais de dois anos no CDC de Atlanta, USA com bolsa-sanduíche do CNPQ, como parte de desenvolvimento de seu doutorado em imunodiagnóstico da histoplasmore. Também nessa mesma época um jovem aluno do Curso Técnico em Biologia Parasitária integrou-se à equipe de Micologia Médica, o hoje Dr. Mauro de Medeiros Muniz, que



logo em seguida passou a integrar a equipe do Setor de Imunodiagnóstico coordenado pela Dra. Rosely. Em 1986 a Dra. Marcia dos Santos Lazera passou a fazer parte da equipe, que assim gradativamente foi se estruturando e ampliando com solidez.

Em 1985, Dr. Bodo concluiu o Doutorado em Medicina da UFRJ, na área de Doenças Infecciosas e Parasitárias, com a tese "Histoplasmose. Estudo epidemiológico, clínico e experimental", sob orientação eficiente da Dra. Lea Camillo-Coura, grande amiga. Ao rever a literatura médica sobre histoplasmose no Brasil ficou patente para Bodo o nosso atraso neste tema. Assim, durante seis anos, literalmente "correu atrás" de casos de histoplasmose pelos hospitais do Rio de Janeiro, nas suas mais diversas formas de apresentação clínica. Convenceu-se da necessidade de trabalhar em colaboração com médicos especializados em pneumologia, infectologia e dermatologia, especialistas que seriam consultados sobre as principais manifestações clínicas da histoplasmose. Da longa interação com esses especialistas ficou uma grande amizade da qual resultou que até hoje muitos deles ou seus assistentes ainda hoje procuram e discutem casos clínicos "com o Dr. Bodo".

Em 1986, por ocasião da reestruturação do Hospital Evandro Chagas (HEC), a convite da Dra. Keyla Marzochi, recém empossada Diretora para transformá-lo em um hospital voltado à pesquisa clínica, Dr. Bodo aceitou o desafio de implantar um moderno Laboratório de Micologia Médica. Assim, o antigo laboratório de micologia médica do IOC transferiu-se, juntamente com toda a equipe técnica, passando a fazer parte do HEC e integrando três setores voltados ao diagnóstico laboratorial das micoses: 1) Setor de Diagnóstico Micológico, com bancada aparelhada para identificar agentes fúngicos patogênicos em amostras clínicas das micoses superficiais, cutâneas, subcutâneas, sistêmicas e oportunistas; 2) Setor de Imunodiagnóstico das micoses, com bancada aparelhada para identificar marcadores imunológicos das micoses, anticorpos, antígenos ou outros; e 3) Setor Ambiental, voltado para estudos de fontes ambientais de agentes de micoses sistêmicas e oportunistas invasivas, estrutura importante no estudo e enfrentamento de surtos de micoses. Esta estrutura complexa, ao longo dos últimos 33 anos, buscou integrar de forma multidisciplinar a clínica e epidemiologia de micoses com recursos diagnósticos diferenciados e identificação do



meio ambiente contaminado que constituiu a fonte de infecção para surtos ou microepidemias. Graças a essa competência, o Laboratório de Micologia do HEC/IPEC/INI foi decisivo e contribuiu para o diagnóstico da epidemia de esporotricose zoonótica, de transmissão felina para humanos, que começou em 1998 como surto no estado do Rio de Janeiro (SE Brasil) e que persiste até hoje no RJ bem como se alastrou por quase todas as regiões do Brasil.

No período de 1989 a 1990 junto com Dra. Albanita Viana de Oliveira e Dr. Ricardo Ribeiro dos Santos, compôs a diretoria colegiada do Hospital Evandro Chagas. Em 1994, Dr. Bodo Wanke foi eleito novamente diretor do hospital, permanecendo até 1997 neste cargo, participando em muitas das pesquisas do Laboratório de Micologia.

Em 08 e 09 de dezembro de 1994 Dr. Bodo Wanke foi convidado a participar do "International Colloquium on Invasive Mycoses in AIDS Patients" realizado no Prins Leopold Instituut voor Tropische Geneeskunde, em Antuérpia, Bélgica, onde apresentou o trabalho "AIDS-associated invasive mycoses in South-America". Através do conhecimento de grandes especialistas internacionais e suas palestras este evento mostrou claramente que o Laboratório de Micologia do HEC estava no caminho certo e acompanhando a evolução deste importante capítulo da Infectologia no mundo.

Com o estímulo e entusiasmo dos professores Carlos da Silva Lacaz, da USP, Alberto Thomaz Londero, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e na presença dos demais colegas atuantes na área de micologia, participou ativamente da formação da Sociedade Brasileira de Micologia (SBMy), fundada em 5 de março de 1990 às 12 horas, com as assinaturas da Ata da Assembleia de Fundação desta sociedade, no Centro de Convenções de Natal, RN, que elegeu o Dr. Bodo Wanke para presidente.

Foi presidente da Sociedade Brasileira de Micologia-SBMy no período de 1990 a 2001.

Em 1998 organizou o II Congresso Brasileiro de Micologia, realizado no Centro de Convenções do Hotel Sheraton no Rio de Janeiro, no período de 17 a 21 de abril, evento marcado pela excelência, com aproximadamente 700 congressistas inscritos e apoiado por diversas agências de fomento além da Fundação Oswaldo Cruz e contando



entre seus convidados renomados especialistas nacionais e estrangeiros das diversas áreas da Micologia.

De 2000 a 2002 coordenou a participação da Fiocruz no Programa Alfa - seção Brasil-Fiocruz (Programa ALFA nº 7.0016.9, executado pela rede FUNGALFA), de cooperação entre a Comunidade Europeia e países da América Latina, para estágios de treinamento de Pós-Graduandos em diversos países. As pós-graduandas Luciana Trilles do Laboratório de Micologia do INI/Fiocruz e Marília Martins Nishikawa do Laboratório de Micologia do INCQS/Fiocruz foram indicadas para realizar estágio na Bélgica por 6 meses no Instituto Científico da Saúde Pública Louis Pasteur, em Bruxelas, na Área de Concentração de Micologia, e participou do curso de Micologia Médica no Instituto de Medicina Tropical Príncipe Leopoldo, Antuérpia.

Em 2001 foi convidado para dar um curso teórico-prático de Micologia Médica com ênfase nas Micoses Sistêmicas e Oportunistas Invasivas pela Universidade Católica de Salta, no Noroeste da Argentina, para alunos de um Curso Técnico em Saúde. Preciso rever a data.

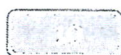
Em 2003 criou o **Laboratório de Referência Nacional** em Micoses Sistêmicas, SVS/CGLAB/MS, reconhecido pela portaria 70/2004 da Secretaria de Vigilância em Saúde. Desde a sua criação até presentemente Bodo coordena este Laboratório de Referência Nacional. A importância deste laboratório de referência nacional pode ser aferida pelos números expressivos de exames realizados para a rede de Laboratórios Centrais (LACEN) estaduais que demandam: 1) Imunodiagnóstico (média entre 2.000 a 2500 exames/ano), basicamente sorologia para detecção de anticorpos específicos anti-*Paracoccidioides brasiliensis*, anti-*Histoplasma capsulatum*, anti-*Coccidioides immitis/posadasii* e anti-*Aspergillus* sp.; 2) Exame micológico e/ou identificação de isolado fúngico (média entre 20 a 50 exames/ano); 3) Investigação de surtos ou microepidemias incluindo a fonte ambiental de infecção (em média 1 a 2 surtos/ano). Os principais LACEN que recorrem ao LRNMS para esclarecimento diagnóstico se encontram principalmente as unidades localizadas nos estados das regiões Norte,



Nordeste e Centro-Oeste, mas ocasionalmente LACEN dos estados das regiões Sudeste e Sul também recorrem ao LRNMS.

Desde a criação do LRNMS em 2003 Bodo tem participado de inúmeras reuniões no MS, a maioria em Brasília, para discutir temas correlatos como por exemplo a Reunião do Grupo Técnico de Laboratórios, para Desenvolvimento do Plano Diretor do Laboratório Nacional, em 23 e 24 de maio 2005. Anualmente participa de uma a três reuniões do Grupo Técnico de Vigilância e Controle das Micoses Sistêmicas, nova denominação do GT, para discutir e elaborar de Protocolos Clínicos e Diretrizes Terapêuticos (PCDT) para cada uma das micoses invasivas importantes e a incorporação de antifúngicos priorizados pelo Comitê Técnico Assessor (CTA) em Micoses Sistêmicas e Oportunistas. Atualmente muitos outros especialistas em Micoses Sistêmicas de todo o Brasil foram incorporados ao GT e ao CTA para participar nessas reuniões, incluindo pesquisadores e médicos do Laboratório de Micologia e médicos de outros Laboratórios do INI/Fiocruz.

Adicionalmente, o Laboratório de Referência Nacional em Micoses Sistêmicas tem compromisso com a realização de cursos de capacitação para os LACEN estaduais, cursos esses que são de níveis variados conforme as demandas de cada estado e região, normalmente atendendo demandas regionais agregadas. Assim, foram realizados “Cursos de capacitação em diagnóstico laboratorial das micoses” para capacitação de técnicos dos LACEN para o diagnóstico laboratorial das micoses, coleta de amostras clínicas, identificação microscópica de fungos nas amostras e identificação de isolados em cultura LACEN em **Belém/PA**, em junho de 2006; no **Rio de Janeiro/RJ** em novembro de 2006; e em **Campo Grande/MS** 31 de julho a 03 de agosto de 2007. Para capacitação de médicos foram realizados dois cursos de “**Manejo clínico-epidemiológico das Micoses Sistêmicas**”, ambos no **Rio de Janeiro**, nos períodos de 27 a 29 de abril de 2009 e de 7 a 9 de abril de 2010. Todos esses cursos eram realizados em tempo integral e com aulas teóricas seguidas de práticas demonstrativas envolvendo pelo menos a demonstração ao microscópio do aspecto em parasitismo dos agentes das micoses. Sempre que possível, aulas teóricas e práticas demonstrativas



de Imunodiagnóstico das Micoses Invasivas eram incorporadas ao conteúdo temático dos cursos.

Curioso observar que antes mesmo de ser reconhecido como coordenador de Laboratório de Referência Nacional, Dr. Bodo já era convidado para realizar cursos de capacitação em Diagnóstico e Tratamento das Micoses Sistêmicas, tanto por parte de instituições de ensino em saúde como em Belém no Núcleo de Medicina Tropical da UFPA, em Manaus, no Hospital Tropical, em Teresina no HDIC da UFPI, na Paraíba em João Pessoa e Campina Grande e Campo Grande/MS, entre outros, quanto para atender ao LACEN do estado de Rondônia, curso que foi dado na cidade de Cacoal/RO, no período de 21 a 31 de maio de 2001 e outro para o LACEN do estado do Espírito Santo, na cidade de Vitória/ES no período de 19 a 30 de maio de 2003. Também foi docente de cursos de capacitação em Micologia Médica pela UFPR em Curitiba/PR e na UNESP de Botucatu/SP. É bem verdade que vários destes cursos faziam parte de programas de cursos de Pós-Graduação Inter Institucional envolvendo, de um lado o programa de PG em Medicina Tropical do IOC/Fiocruz e de outro lado programas incipientes de PG em Medicina Tropical ou Doenças Infecciosas e Parasitárias de universidades demandantes (programas MINTER e DINTER da CAPES), como por exemplo os casos da UFPI, UFPA e UFMS. Os cursos dados em 2009 e 2010 para a PG em Medicina Tropical da Fundação de Med. Tropical Heitor Vieira Dourado em Manaus foi um pouco diferente, pois realizado versando sobre temas selecionados entre “Micoses e seus agentes” no âmbito do Módulo em Micologia Médica. Em todas essas ocasiões de realização dos cursos sobre Micologia Médica em outros estados aprendi muito com os docentes e discentes dos respectivos cursos, pontos fortes e pontos fracos e potencialidades de cada região de inserção dos cursos.

Em 2013 criou, junto com Luciana Trilles e com o apoio financeiro da CAPES, o Curso Internacional de curta duração “Molecular Methodologies for Epidemiology and Diagnosis of Systemic Mycoses” que em dezembro de 2019 realizará sua sétima edição, a partir de 2017 sob a denominação de “Molecular Methodologies for Epidemiology and Diagnosis of Invasive Fungal Infections”. Este curso é direcionado a pós-graduandos dos programas *stricto sensu* do sistema CAPES em geral que tenham projeto de



pesquisa em Micologia Médica e objetiva uniformizar as metodologias moleculares aplicadas em epidemiologia e diagnóstico das micoses invasivas.

Em 2012/2013 participou, sob coordenação da Dra. Márcia dos Santos Lazéra, da criação da “Rede Criptococose Brasil-RCB” com o apoio institucional da CAPES e da Fiocruz. Em 29/11/2013 participou do seminário “A criptococose no Brasil – Implantação da Rede Brasileira de Criptococose no Distrito Federal”.

Participou da organização da “X International Conference on Cryptococcus and Cryptococcosis”, presidida pela Dra. Márcia dos Santos Lazéra, realizada em Foz do Iguaçu/PR de 26 a 30/03/2017

Foi membro de corpo editorial de importantes revistas internacionais da área de Micologia Médica, como Editor Associado da MYCOPATHOLOGIA no período de 2006 a 2011 e também Editor Associado da revista PLOS NEGLECTED TROPICAL DISEASES no período de 2011 a 2017.

Participou de numerosas revisões de manuscritos submetidos para revistas nacionais e internacionais.

Publicou mais de 150 artigos científicos em revistas indexadas, nacionais e internacionais, a absoluta maioria versando sobre temas e questões relacionadas à Micologia Médica.

Publicou mais de 50 capítulos de livros editados por renomados autores nacionais e internacionais, sempre versando sobre temas de Micologia Médica e a maiorias sobre Micoses Sistêmicas.

Dentre suas mais destacadas contribuições científicas encontramos: 1) Na Paracoccidiodomicose destaca-se o primeiro trabalho científico demonstrando efetivamente, com números robustos, a altíssima taxa de mortalidade por esta micose sistêmica negligenciada, trabalho conduzido por Ziadir Francisco Coutinho (Referência número 79 do CV Lattes) e com importante contribuição de Márcia dos Santos Lazéra, tornou-se durante anos um dos trabalhos mais citados; 2) Na Criptococose, entre



outras contribuições: vários trabalhos de estudo de fontes ambientais de agentes da Criptococose, sempre com a importante orientação da colega do Laboratório de Micologia Márcia dos Santos Lazéra, demonstrando pioneiramente a ocorrência de *Cryptococcus neoformans* e *C. gattii* em ocos de árvores e madeira em decomposição em geral, isoladamente ou em conjunto (Referências de número 22, 83, 94, 95, 99, 107), todos muito citados por seu pioneirismo; 3) Na Coccidioidomicose, entre outras contribuições, a demonstração e descrição desta importante endemia do semiárido brasileiro na região nordeste, com o primeiro isolamento do *Coccidioides immitis* / *C. posadasii* de casos humanos, de caninos, de tatus e de amostras de solo de tocas de tatus no estado do Piauí (Referências 88, 92, 102), igualmente trabalhos bastante citados pelo pioneirismo; 4) Na Histoplasmose, vários trabalhos sobre descrições de forma clínicas e de surtos ou microepidemias de forma pulmonar aguda, da forma pulmonar crônica, descrição de isolamento de fontes ambientais e de avanços no imunodiagnóstico (Referências 60, 91, 104, 105, 122, 135, 136, 143); Na Esporotricose, muitas foram as contribuições (Referências de número 45, 47, 65, 67, 73, 75, 85, 86).

Entre prêmios e títulos constam: 1) Melhor trabalho publicado em 1975 na Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, como coautor; 2) Em 2004, Diploma do Mérito Universitário, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), pelas importantes contribuições na área da Micologia Médica para o Estado do Piauí; 3) Em 2012, Certidão de Cidadania Piauiense, outorgado pela Assembléia Legislativa do estado do Piauí, pelos relevantes serviços prestados para a área da Saúde e Educação em Saúde; 4) Em 2015, recebeu o título de "Honorary Membership of the International Society for Human and Animal Mycology (ISHAM)", em reconhecimento às suas "contribuições excepcionais no campo da micologia médica e por sua destacada contribuição e influência na comunidade científica global de micologia, além de seus esforços no ensino e no estímulo às próximas gerações de micologistas médicos".

Tem algumas centenas de trabalhos publicados em anais de eventos bem como algumas dezenas de apresentação oral de trabalhos.



Em 2013 produziu, em colaboração com Antônio Carlos Francesconi do Valle, Ziadir Coutinho, Eduardo Thielen, Sérgio L.S. Brito, Homero T. de Carvalho e Eliane Pontes, um vídeo educativo sobre Paracoccidioomicose, com 25 minutos de duração, "Paracoco: Endemia brasileira".

Foi orientador de 27 dissertações de mestrado e de 15 teses de doutorado, basicamente dos programas de PG em Medicina Tropical e Biologia Parasitária do IOC, além de co-orientador de pós-graduandos dos programas de PG do INCQS e da ENSP, da Fiocruz.

Participou de numerosas bancas de defesa de dissertação de mestrado e de defesa de teses de doutorado, de vários cursos de PG, principalmente dos programas de PG da Fiocruz.

Participou de vários concursos, seja de progressão funcional de carreira acadêmica, bem como também de concurso público para professor adjunto e/ou professor titular.

Dr. Bodo Wanke apresenta também as seguintes considerações:

Revendo sua vida, verifica-se que o que mais fez na vida acadêmica foi "dar cursos de Micologia Médica". Em cada curso fazia questão de ensinar cada aluno a "raciocinar micologicamente".

Considero que sua maior realização na minha vida acadêmica não foi, não só as pesquisas publicadas nem algumas descobertas pioneiras, mas simplesmente a criação do Laboratório de Micologia do INI, nascido no HEC quando ainda era do IOC, a atualmente composto por um fantástico time de pesquisadores.

Tenho muito orgulho e sou profundamente grato a todos os que compartilharam comigo esta jornada de criação do Laboratório de Micologia do INI, onde destacaria as figuras da Dra. Rosely Zancopé-Oliveira, que construiu uma robusta carreira de pesquisadora um fantástico CV em quase 40 anos de carreira, conhecida e respeitada internacionalmente, superando o seu ex-orientador de mestrado; e da Dra. Márcia dos Santos Lazéra, que revelou uma profunda capacidade reflexiva e estimuladora de



“sempre abrir novos caminhos para o conhecimento”. Mas foram muito mais colegas que integraram o grande time da Micologia Médica do INI.

In memoriam devo destacar também a grande e inestimável contribuição do Dr. Paulo Cezar Fialho Monteiro, que precocemente nos deixou, mas o seu legado persiste mais forte que nunca.

